

MACKENZI LEE
Ilustrações de Petra Eriksson

A HISTÓRIA DO MUNDO EM CINQUENTA CACHORROS

Tradução de Sofia Soter

**BR
RJ
IG
I**

Donnchadh, o fiel escudeiro de Roberto I: Caçador de recompensas por acidente

Cãoquistadores! Cachorros forçados a serem cúmplices do colonialismo

O Pug que sabia demais: Como um cachorro impediu um assassinato real

Urian, o Galgo: Um cão mastiga a Igreja católica

A guerra dos ossos: Os cachorros da Guerra Civil Inglesa

A gravidade da situação: Quando o cachorro de Isaac Newton quase estragou tudo

O xógum dos cães: Protegendo os vira-latas do Japão

Quero conhaque! Barry e os cães de resgate do passo do Grande São Bernardo

“Se quiser um amigo em Washington, adote um cachorro”: Primeiros-cães na Casa Branca

O Pug Fortune: Napoleão Bonaparte é osso duro de roer

Au au oeste! Lewis, Clark e o Terra-Nova Seaman lideram a descoberta

Minha fama de mau-au: Boatswain, o cachorro de Lord Byron, e também: qual é a do Romantismo?

O caso do cachorro marrom: Ou, PLMDDS, parem de usar cachorros em experimentos científicos

Greyfriars Bobby: E outros rabinhos fiéis

Fido-lidade: De onde veio o nome “Fido”?

Amor não se compra: Caroline Earle White e os primeiros abrigos para animais abandonados dos Estados Unidos

“Alô? Aqui é o cachorro”: Como o cachorro de Alexander Graham Bell ajudou a inventar o telefone

Vamos fugir deste lugar: Bud Nelson e a primeira viagem de carro pelos Estados Unidos

Lizzie Borden e seu machado fizeram picadinho... para o Boston Terrier almoçar

Cuidando do parcão: John Muir e Stickeen, parceiros de aventura

O Au-scar vai para... Cachorros no cinema

My au-au will go on: Cachorros no *Titanic*

História concisa de cães terapêuticos: Como você se sente sobre isso?

Cães de guerra, parte 1: Combatentes caninos da Primeira Guerra Mundial

Os últimos cães fiéis da Rússia: O czar não sobreviveu, mas o cachorro não morreu

A Guerra do Cachorro Fugido: Ou: o estranho caso do cachorro de guerra

Lobos gigantes contra a difteria: Togo, Balto e a Corrida da Misericórdia para salvar Nome, no Alasca

Os Corgis de Sua Majestade: Como batatinhas peludas viraram um símbolo da Coroa britânica

O primeiro cão-guia dos Estados Unidos: O passeio que fez história

Cão de aluguel: A mascote de quatro patas da represa Hoover

O exército de cachorros falantes de Hitler: Não vingou

Quem desenterra osso é arqueólogo: O cachorro Robot descobre as pinturas rupestres de Lascaux

Cães de guerra, parte 2: Cães soldados da Segunda Guerra Mundial

CACHORROS! NO! ESPAAAAAÇO! Como os cães levaram a humanidade ao espaço

Martha, *my dear*! O primeiro cachorro beatlemaníaco

Igualdade racial é pedir muito? Nelson Mandela e seu cachorro, Gompo

Os resgates caninos do Onze de Setembro: Um melhor do que o outro

Virgem Maria! Como Snuppy se tornou o primeiro cão clonado do mundo

Quem quer ser um montanhista? De vira-lata abandonado a primeiro cachorro a escalar o monte Everest

Em extinção: Raças caninas perdidas para a história

Bibliografia selecionada

Sobre a autora

Créditos

**PARA TODOS OS CÃES QUE JÁ AMEI,
ESPECIALMENTE QUEENIE**



PREFÁCIO



Como acontece com a maioria das pessoas, minha vida mudou completamente quando adotei um cachorro.

Eu cresci com cachorros, trabalhei como passeadora de cachorros, fui a tia divertida dos cachorros de todos os meus amigos, pulei de carros em movimento para fazer carinho em cachorros aleatórios na rua. Mas eu só fui entender mesmo o que significa ter um cachorro quando trouxe para casa uma bolinha peluda de seis quilos da raça São-Bernardo.

Isso quer dizer que tudo o que você tem de bom em casa vai acabar com marcas de mordidas, coberto de baba ou ambos. Ou... talvez não sobre nada inteiro. Você nunca mais sairá de casa sem uma camada generosa de pelo canino, e seu tempo na rua será determinado por quanto o cachorrinho aguenta. Um narigão preto às vezes vai aparecer debaixo da cortina do chuveiro no meio do seu banho. Será preciso enfiar a mão na garganta do cachorro para arrancar o passarinho morto que ele tentou comer da sarjeta num momento de distração sua. Às vezes, você acordará às quatro e meia da manhã porque a bolinha de pelo virou uma bolona e quer brincar — e é assim que acabará escrevendo o prefácio do livro antes de o sol

nascer, enquanto ela se deleita estripando um bichinho de pelúcia aos seus pés.

Mas isso também quer dizer que seu coração viverá fora do peito. Sua alegria estará apegada àquele sorrisinho canino e ao rabinho abanando. Você vai querer ser a pessoa que seu cachorro acha que você é, mas você sabe que nunca será, e que ele te amará mesmo assim. Fotos quase idênticas do cachorro dormindo lotarão o álbum do seu celular, que você abrirá para mostrar para todo mundo que conhece, quer peçam, quer não. A vida de repente transbordará de amor ilimitado em todas as direções.

No final das contas, todos os clichês sobre ter um cachorro são verdadeiros.

Diz a máxima que devemos *escrever sobre o que conhecemos*. Por isso, conforme o último ano da minha vida foi sendo consumido pela minha nova dependente peluda que agora tem 55 quilos de graça e baba, comecei a colecionar histórias de cães históricos.

Sempre amei história, mas aprendi que o que mais me fascina não são as guerras, a política, os congressos ou os eventos importantes registrados em placas. Eu me atraio por narrativas mais engraçadas e menos conhecidas, que não só comprovam que a história é profundamente estranha como também mostram a universalidade da experiência humana — e, neste caso, canina. Essas anedotas sobre cães ao longo dos

tempos abrem pequenas janelas para os momentos históricos maiores nos quais elas aconteceram e para a vida dos humanos que esses cachorros acompanharam.

Este livro contém histórias de cachorros — umas verdadeiras, outras míticas e algumas que são um pouco de cada —, mas também histórias humanas. Tentei não só contar as histórias dos melhores cães da história mas também usá-las para contextualizar momentos marcantes do passado. Como uma autodeclarada viciada em história que dormiu nas aulas do colégio porque ninguém faz boas escolhas aos dezesseis anos e agora precisa fingir discretamente que entende todo o contexto da Revolução Francesa, espero que esses resumos curtos e acessíveis ofereçam um conhecimento básico sobre certos momentos históricos cruciais para leitores que antes não faziam ideia do que tinha acontecido ali.

Dependendo de onde e quando apareceram na linha do tempo, as ideias sobre cães e seu papel na sociedade variaram muito. Cachorros já foram bichos de estimação, companheiros, caçadores, trabalhadores, protetores, pragas, cobaias; sagrados, comemorados, temidos, odiados, amados e muito mais. Para entendermos os cachorros, seu lugar no tempo e as especificidades de certo lugar e tempo, muitas vezes precisamos esquecer nossas ideias modernas sobre os cachorros como bichinhos/memes e tentar ver suas histórias pela ótica do mundo em que viveram.

Isso também exige aceitar que o passado nem sempre é benevolente. Embora os cachorros talvez sejam as criaturas mais puras do mundo, nem todas essas histórias são puras — pois, por mais que os cachorros sejam incríveis, seres humanos às vezes são péssimos. Como é de nosso feitio, ao longo da história fizemos dos cães cúmplices de alguns de nossos piores momentos. Eu não sabia ao certo se deveria incluir esses fatos no livro, mas acabei decidindo que sim. Senti que eram fundamentais para criar um panorama completo tanto do papel dos cachorros na história quanto da própria história. A forma como falamos sobre os cães, como os tratamos e os lembramos em geral diz mais sobre nós mesmos do que sobre eles.

Agora, com licença, tem um nariz molhado cutucando minha perna, insistindo para que eu jogue uma bolinha. Boa leitura.



DOMESTICAÇÃO CANINA

Uma rápida introdução ao notório C.Ã.O.



Antes de começarmos nossa jornada através da *historius canius*, melhor ir logo respondendo à principal pergunta: como os cachorros passaram de animais selvagens a bichos fofinhos?

Na discussão a respeito de quando os cães foram domesticados, é importante distinguir animais domésticos de animais domados. O animal domado se acostuma com a presença de pessoas e aceita a intervenção humana. Animais domados desenvolvem uma relação simbiótica pela convivência. Já a domesticação acontece ao longo das gerações e significa que um animal vive tão próximo dos humanos que se torna dependente deles para sobreviver. Ela altera os animais física e mentalmente. A maioria dos animais domesticados que conviveram com humanos por várias gerações não seria capaz de viver no mato, por conta de mudanças aprendidas e aspectos evolutivos que tiram sua capacidade de independência. Há uma diferença semelhante

entre selvagem e feral — animais selvagens sobrevivem a vida inteira sem intervenção humana, enquanto animais ferais são de espécies domesticadas que aprenderam a sobreviver sozinhas.

Quando falamos de cachorros, estamos nos referindo a um animal domesticado que pode ser feral. Quando falamos de lobos, tratam-se de animais selvagens que podem ser domados.

Certo. Cachorros. Como e quando deixaram de ser lobos domados para virarem cães domésticos?

Em resumo: não sabemos.

Cachorros são a espécie mais diversa do planeta, depois dos humanos, mas todos os cães modernos são parentes dos lobos. Do Chihuahua ao Poodle, do Husky ao Corgi, todas as raças caninas têm 99% do DNA em comum com lobos; além disso, como cachorros e lobos ainda podem cruzar, são considerados a mesma espécie.

Há diversas teorias sobre quando o cachorro e o lobo se separaram na árvore evolutiva, mas é praticamente impossível responder com certeza, em parte porque isso aconteceu há bastante tempo, em parte porque é provável que tenha ocorrido diversas vezes em vários lugares do mundo. Lobos e cachorros devem ter divergido entre 15 mil e 40 mil anos atrás, o que pode parecer um intervalo enorme, mas isso é pouquíssimo tempo em termos de Pré-História.

Para alguns cientistas, os lobos foram domesticados na Europa; para outros, foi no Oriente Médio; e tem quem diga que isso se deu no Leste Asiático. De forma muito simplificada, a árvore genealógica canina parece se dividir em dois troncos principais: cães da Eurásia Oriental e cães da Eurásia Ocidental. O problema é que há provas sustentando a ideia de que cães migraram do Oriente para o Ocidente, mas também do Ocidente ao Oriente. Uma teoria para explicar esse fato é que, milhares de anos atrás, em algum lugar do oeste da Eurásia, seres humanos domesticaram o lobo-cinzento. O mesmo aconteceu, de forma independente, no leste. Por volta da Idade do Bronze, alguns dos cães do leste migraram para o oeste com seus parceiros humanos e, no meio do caminho, encontraram os cães do oeste, cruzaram com eles e os substituíram.

Mas... outros cientistas acham isso tudo uma besteira.

Em 2013, uma equipe de cientistas comparou o genoma mitocondrial (anéis menores de DNA fora do pedaço central) de 126 cachorros e lobos modernos e dezoito fósseis, concluindo que os cachorros foram domesticados na Europa ou no oeste da Sibéria. Já outra equipe comparou o genoma total de 58 lobos e cachorros modernos e concluiu que os cachorros são originários do sul da China, tendo migrado para o oeste.

Claro, todos esses cientistas acham que estão certos e que os outros estão errados. E, claro, há muitas outras teorias,

então meu cérebro explodiu antes de eu acabar de ler a respeito, até porque ciência não é a minha praia.

Ou seja: de onde vieram os cachorros? Vai saber...

Quando? Também não faço a menor ideia.

A próxima pergunta, naturalmente, é: por quê?

Mesma coisa: não sabemos.

Fazer o quê? Ciência não é uma ciência.

Alguns cientistas acreditam que os primeiros caçadores-coletores humanos deliberadamente domaram e cruzaram lobos. Outra teoria completamente diferente afirma que os cachorros se domesticaram sozinhos — talvez um cachorro por aí esteja escrevendo *A história do mundo em cinquenta humanos*, propondo que os cachorros domesticaram os seres humanos. Afinal, humanos eram rivais na busca por comida, então os lobos decidiram que a melhor estratégia era cooperar. Os cachorros que sobreviveram e se integraram de forma mais eficiente aos humanos foram aqueles com pelagem macia, olhos brilhantes, orelhas caídas e, no geral, os mais fofos — uma fofura que tem até nome: neotenia. Os filhotes de lobo que sabiam interpretar melhor as dinâmicas sociais humanas (algo que eu preciso trabalhar melhor) tinham maior probabilidade de se tornar, digamos, um dos humanos, e assim cruzar entre si e criar mais cachorros nascidos domesticados. Essa teoria tem o nome (fofíssimo) de Sobrevivência do Mais Amigável.

De qualquer forma, a verdade quanto à domesticação canina é que não temos respostas. Não sabemos exatamente como, por quê, quando ou onde.

O que sabemos é que, independentemente de qual fenômeno natural nos aproximou, cachorros e humanos se tornaram inseparáveis.



FAZENDO A EGÍPCIA

Abuwtiyuw, o primeiro registro de nome de cão da história



TESEM • EGITO • SÉCULO XVI A XI A.C.

Antes de ser um império conhecido por túmulos geométricos e reis de nome Tut, o Egito foi uma coleção de cidades-Estado não unificadas e tranquilas ao longo do Nilo. Elas eram divididas em duas regiões: o sul era chamado de Alto Egito, e o norte, de Baixo Egito. Se olhar para um mapa bidimensional, você verá tudo ao contrário, mas esses reinos, assim como tudo no Egito, seguiam o fluxo do Nilo.

Para quem planejasse um império antigo, o Nilo seria a região perfeita. Era uma fonte de água calma, navegável e previsível, o que facilitava muito os negócios ao longo dos seus mais de 6 mil quilômetros. Todo ano enchia na mesma época, sem precisar de sistemas de irrigação, criando terras tão férteis que os egípcios basicamente jogavam sementes como se fosse confete, e elas germinavam mesmo assim. Isso liberava muito tempo para que eles passassem delineador, inventassem o papiro e mimassem os cachorros.

Já vou falar mais sobre isso, prometo.

Por volta de 3100 a.C., os reinos Alto e Baixo se unificaram, inaugurando o império sensacional no qual pensamos hoje. O Egito antigo pode ser dividido em três períodos, cujos nomes, nada criativos, são Império Antigo, Império Médio e Império Novo. Juntos, eles ocuparam surpreendentes trinta séculos, fazendo do Egito um dos maiores sucessos entre as civilizações antigas.

Provavelmente nos lembramos mais do Egito antigo não pelo que foi feito em vida, mas sim em morte. Estruturas como as pirâmides de Gizé foram erigidas como túmulos elaborados para os faraós, pois acreditava-se que eles eram literalmente deuses. Quando um faraó morria, era acrescentado ao panteão de deuses egípcios e idolatrado. Afinal, se alguém disser que, ao morrer, vai virar um deus, eis uma boa motivação para fazer o melhor velório possível. Ao contrário do que diz o ditado, os egípcios acreditavam que, *sim*, da vida se leva alguma coisa, por isso enchiam o túmulo com tudo o que mais importava na vida da pessoa. Coisas sem as quais ela não podia viver — ou melhor, morrer.

Em alguns casos, era o cachorro.

Quando um rei, cujo nome ironicamente não sabemos, perdeu o querido cão, quis garantir que a *ka*, ou alma, do cachorro encontrasse a vida após a morte e o esperasse quando seu próprio dia chegasse. Por isso, fez um velório de

rei para o animal e escreveu seu nome em hieróglifos nas paredes do túmulo. Abuwtiyuw, às vezes transcrito como Abutiu, é um dos primeiros cachorros domesticados de que se tem conhecimento, e o primeiro a ter seu nome registrado. Traduzida, a placa de pedra descoberta no túmulo diz: “O cão que guardou Sua Majestade. Abuwtiyuw é seu nome. Sua Majestade ordenou que fosse enterrado [com cerimônia] em um caixão do tesouro real, com enorme quantidade do melhor linho, [e] incenso. Sua Majestade [também] forneceu unguentos perfumados, e [ordenou] que seu túmulo fosse construído por equipes de pedreiros”.

Por isso, na próxima vez que estiver meticulosamente arrumando a pose de seu cachorro para a foto perfeita no Instagram e se sentir um pouco exagerado, lembre-se de que pelo menos não contratou pedreiros para ele. Depois, poste essa belezura, porque eu vivo por fotos de cachorrinho no Instagram.

Qual era a raça do Abuwtiyuw? Com base nas orelhas eretas e no rabo curvado descritos na placa, ele provavelmente era o que os egípcios chamavam de *Tesem* — não uma raça específica, mas o nome dado para todos os cães de caça. A raça em si lembraria as modernas Podengo Ibicenco, Galgo Inglês e Basenji. Sua imagem também foi entalhada ao lado do nome nas paredes do túmulo.

Abuwtiyuw foi um dos muitos cachorros mumificados encontrados em escavações no Egito, enterrados com os donos ou em gloriosos túmulos próprios. Na cidade de Abidos, parte do cemitério era dedicada especialmente aos cachorros, e o cemitério de Ascalão, no que hoje é Israel, mas que já fez parte do Egito, é o cemitério canino mais bem preservado da Antiguidade. Cachorros são representados em muitos entalhes tumulares dos três períodos da história egípcia, incluindo imagens de homens levando-os para passear na correia. Embora coleiras e correias de cachorro provavelmente sejam originárias da Suméria, antes do Egito, isso mostra que os cães não eram parte da vida dos egípcios somente após a morte — eram parte do cotidiano.

O Egito costuma ser mais associado a gatos, mas há provas esculpidas em pedra: os cachorros eram encontrados pelo reino inteiro. Muitos eram usados para caça e proteção, mas isso não os impedia de serem também companheiros queridos, como o Abuwtiyuw.

Tinha um monte de catoros no Egito — uma quantidade fenomenal.

sai de fininho

Cãoplemento



O amor do Egito pelo cachorro foi immortalizado pela personificação do deus Anúbis, que é representado com uma cabeça de chacal. Egípcios também idolatravam a divindade canina Upuaut, nome que significa “abridor de caminhos”. A função de Upuaut era definir um trajeto para o exército e ajudar a levar os mortos ao submundo. O deus Set às vezes também era representado como um animal fictício chamado Sha, que se parecia muito com um cachorro.



CA-XOLOITZCUINTLI

Ela é linda, absoluta, é Xoloitzcuintli



XOLOITZCUINTLI · MÉXICO · A.C.

Xoloitzcuintli não é o tipo de raça que ganha concursos de beleza. A primeira coisa que se repara nesse cãozinho é que ele é inteiramente pelado. Exceto por um tufo moicano no topo da cabeça, o Xoloitzcuintli é só um saco de pele preta-azulada e enrugada. Outras características marcantes incluem orelhas de satélite, um rabinho de rato e os dentes tortos ou ausentes.

Mas dê outra olhada.

Certo, talvez mais uma. Com um pouco de concentração. Ignore o fato de eles serem frequentemente confundidos com chupa-cabras, a criatura mitológica que ganha a competição de Criaturas Mitológicas Com As Quais Você Nunca Quer Ser Confundido.

Prometo, a personalidade deles é ótima.

Apesar de não serem, digamos, os cães mais tradicionalmente bonitos do planeta, os Xoloitzcuintlis têm um

passado longo e complexo e são conhecidos como uma das primeiras raças domesticadas da América do Norte.

Primeiro, vamos combinar: a pronúncia é cho-lô-its-cuín-tli. Pode chamar de Xolo, ou cho-lô, para ser mais prático. O nome do Xolo vem de duas palavras da língua asteca: Xolotl, o deus do trovão e da morte, e "itzcuintli", que significa "cachorro".

O Xolo era sagrado para muitos povos indígenas das Américas, incluindo colimas, maias, toltecas, zapotecas e astecas. Alguns pesquisadores acreditam que ele acompanhou os primeiros migrantes da Ásia há mais de 3 mil anos. A falta de pelo típica do Xolo, considerada por muitos, inclusive esta autora que vos fala, esquisita e perturbadora porque meio que lembra um testículo, foi resultado de mutações genéticas antigas, mas acabou mostrando-se um traço vantajoso, pois ajudou o Xolo a sobreviver ao clima tropical da América Central. A mesma mutação também causa em muitos deles uma situação dentária horrorosa. Pelo menos — olhando pelo lado bom! — seus dentes peculiares (ou, melhor dizendo, a falta deles) ajudam arqueólogos a identificar os restos mortais escavados.

De acordo com a mitologia asteca, o deus Xolotl criou o Xoloitzcuintli a partir de um pedaço do Osso da Vida, o mesmo que deu origem a toda a humanidade. Xolotl deu aos humanos esse presente com a instrução de que ele deveria ser

guardado e protegido. Em troca, o Xolo guiaria os astecas através dos perigos do Mictlan, o submundo. Esculturas do Xolo muitas vezes eram incluídas em túmulos para representar como ele guiaria a pessoa até a outra vida. Em alguns estados mexicanos, quase 75% dos túmulos antigos continham algum tipo de representação do Xolo. Infelizmente, o trabalho de primeiro cão-guia costumava envolver seu sacrifício para acompanhar os humanos mortos. Pior ainda: ocasionalmente, o Xolo servia de iguaria em cerimônias de casamento ou velório. Mas vamos em frente.

O NOME DO XOLO VEM DE DUAS PALAVRAS DA LÍNGUA ASTECA: “XOLOTL”, O DEUS DO TROVÃO E DA MORTE, E “ITZCUINTLI”, QUE SIGNIFICA “CACHORRO”

Além das responsabilidades do Xolo no pós-vida, os astecas acreditavam que ele tinha poderes de cura — e era meio verdade. Quem já acordou no meio da noite suando porque o cachorro deitou em cima da sua barriga sabe que cães ficam bem quentes. Já que não têm pelo, Xolos são basicamente bolsas de água quente caninas. Portanto, com frequência eram deixados na cama com pessoas doentes para ajudar a regular

a temperatura corporal, o que auxiliava no processo de cura. O carinho do Xolo era lendário e idolatrado.

Esses esquisitinhos sem pelo foram documentados para o público europeu pela primeira vez pelo missionário espanhol do século XVI Bernardino de Sahagún, que descreve como os astecas embrulhavam os Xolos em cobertores durante a noite para mantê-los aquecidos. O cão também chamou a atenção de Cristóvão Colombo — que, não sabendo se controlar, acabou levando vários espécimes de volta para a Europa (ele e seus homens também quase os levaram à extinção de tanto comê-los, porque para ele não havia genocídio suficiente; Cristóvão Colombo *não* era um bom menino).

Apesar do passado lendário e de ter donos famosos em outros momentos históricos, como Diego Rivera e Frida Kahlo, o Xolo quase desapareceu no século XX. Graças à restauração da cultura indígena no México (um esforço para preservar a cultura perdida quando os europeus chegaram e destruíram tudo), assim como a algumas aparições marcantes do cão na cultura popular (lembra o Dante, o *bueno perro* no filme *Viva: A vida é uma festa*, da Pixar? É um Xolo!), o Xolo se tornou uma raça oficialmente registrada pelo American Kennel Club (AKC) em 2011.

Quem disse que beleza é tudo?



PANHU PEGA GERAL

O ancestral original da mitologia chinesa



CHINA

Cachorros são parte importante da mitologia e da tradição de várias culturas ao redor do mundo: do cão de guarda de Hades, Cérbero, ao Inis Fáil da Irlanda — um cachorro que nunca perdeu uma presa e também transformava toda água em que se banhava em vinho, o que eu também #quero — e ao Amaguq, o trapaceiro deus lobo inuíte. Para contar essas histórias todas seria preciso outro livro.

Por isso, vamos falar de uma só: a história de Panhu, um dos cães folclóricos mais fascinantes que encontrei na minha pesquisa. Esta história é muito conhecida no sul da China, e alguns grupos indígenas, incluindo os miao, os yao e os she, consideram Panhu seu ancestral original.

Como a maioria dos mitos, esse possui muitas variantes, mas as origens de Panhu são sempre lindamente estranhas: era uma vez uma velha no palácio do imperador Ku. Ela achava estar sofrendo de zumbido no ouvido, mas, ao consultar um

médico, ele tirou um inseto do seu canal auditivo, o que acabou com o barulho. A velha guardou o inseto numa cabaça e a cobriu com uma bandeja: virou seu bicho de estimação (o tipo de coisa que minha mãe também faria). Graças a um pouco de magia mitológica, o inseto se transformou em um cachorro de cinco cores que o imperador Ku chamou de Panhu: “hu” significa “cabaça”, e “pan”, “bandeja”. Se eu fosse um deus canino, não escolheria me chamar Cabaça Bandeja, mas vai nessa, Cabaça Bandeja.

O reino do imperador Ku foi definido pelo conflito com invasores bárbaros, comandados por um general vil e abominável, designado em alguns relatos como general Wu. O imperador Ku, cansado de perder para o general Wu, declarou que quem trouxesse a cabeça do invasor receberia a mão de sua filha em casamento.

Pouco depois, Panhu apareceu na corte, com a cabeça do general Wu na boca.

Como qualquer bom cachorro, ele tinha ido pegar a bola.

Ao que o imperador Ku respondeu: “Eu cometi um grande erro”.

Por motivos óbvios, ele não queria que a filha se casasse com um cachorro. No entanto, a princesa argumentou que era importante manter a promessa e convenceu o pai a deixá-la se casar com Panhu. Honestamente, posso dizer que entendo, porque, sério, amar e respeitar um cachorro na saúde e na

doença até que a morte nos separe é meu maior sonho. O problema é a logística em relação à, digamos, intimidade conjugal. Especialmente se a princesa e seu noivo precisarem produzir herdeiros para o reino.

Mas, então, eis que a mágica resolve tudo. O imperador soube que Panhu poderia se transformar em ser humano se fosse deixado debaixo de um enorme sino de ouro por sete dias e sete noites, mas o feitiço só funcionaria se ninguém olhasse para ele durante esse tempo. Infelizmente, a princesa se preocupou com seu cachorro/ marido/ enfim, é complicado, e, no sexto dia, deu uma olhada por debaixo do sino. O feitiço se rompeu e a transfiguração de Panhu foi interrompida. Ele ficou com corpo de homem, mas cabeça de cachorro.

A princesa olhou e disse: "Já serve". E, caro leitor, eles se casaram.

O povo yao honra Panhu como seu primeiro ancestral e, por causa disso, é muito cuidadoso para nunca ofender cachorros. Também não comem carne canina. Aliás, vamos falar disso por um instante.

Alguns grupos étnicos na China, assim como em outros países asiáticos, usam carne de cachorro como fonte de alimentação desde aproximadamente 500 a.C. Alguns cientistas acreditam que, originalmente, os cachorros foram domesticados na China para fornecer carne. Hoje, o consumo de carne canina na China varia de acordo com a região, assim

como a atitude ao redor da prática. Em Hong Kong, um decreto sobre cães e gatos foi instaurado pelo governo britânico em 6 de janeiro de 1950, proibindo que esses animais sejam mortos para fins alimentícios. Taiwan, Índia e Cingapura têm leis parecidas. Entretanto, alguns festivais gastronômicos culturais continuam a servir esse tipo de carne.

O POVO YAO HONRA PANHU COMO SEU PRIMEIRO ANCESTRAL E, POR CAUSA DISSO, É MUITO CUIDADOSO PARA NUNCA OFENDER CACHORROS

Pois é, isso acontece. E, assim como tudo que acontece, é complicado e muita gente tem muita opinião a respeito.

Deixando de lado o tabu contra comer carne de cachorro em certas regiões, a história de Panhu ainda é uma parte importante da vida de muitos grupos étnicos do sul da China. Muitos têm altares dedicados a cachorros em casa e usam a iconografia associada a Panhu em trajes tradicionais.



ARGOS, O CÃO LEAL DA ODISSEIA

O primeiro cachorro morto da literatura ocidental



GRÉCIA • 750 A.C.

A *Ilíada* e a *Odisseia*, duas das obras mais antigas da literatura ocidental, foram escritas por volta do século VIII. Entretanto, sua autoria continua em debate: alguns pesquisadores atribuem o texto somente a Homero, enquanto outros acreditam serem colaborações entre vários autores. De qualquer forma, Homero não foi a primeira pessoa a contar a história. As narrativas sobre Odisseu e a Guerra de Troia já eram passadas de geração em geração pela tradição oral muito antes de Homero sequer encostar a caneta no papel. Ou a pena no papiro. Ou o cinzel na pedra — enfim, o que quer que ele tenha usado para escrever. Deu para entender, certo?

A *Ilíada* se passa durante a Guerra de Troia, o cerco de dez anos à cidade de Troia, que pode ou não ser fictícia e na qual, de acordo com o que aprendi com Hollywood, ninguém usava

uma quantidade apropriada de roupas para guerrear e todo mundo era sarado e coberto de óleo. Segundo a lenda, o conflito começou quando a esposa do rei Menelau foi sequestrada por Páris, príncipe de Troia. Menelau respondeu enviando mil navios à cidade, o que talvez ele tenha imaginado como sendo um grande gesto romântico, mas acabou interpretado como uma declaração de guerra, e que a *Ilíada* narra. A *Ilíada* não só é a primeira obra épica da literatura ocidental como fez tanto sucesso que teve até continuação: *Ilíada 2: Desafio em Tóquio*. Não, não, é só brincadeira — esse não foi o título, mas até no século VIII a demanda popular era importante, então Homero lançou logo a *Odisseia*, que entrou para a história como uma das melhores continuações de todos os tempos, assim como *Toy Story 2* e *Guerra nas estrelas: O Império contra-ataca*. A *Odisseia* transforma em protagonista um dos personagens secundários da *Ilíada*, Odisseu, rei do reino grego de Ítaca, e documenta sua jornada incrivelmente complexa de volta para casa. De acordo com a *Odisseia*, ele levou dois anos viajando, apesar de seu destino não ser nada distante, pois foi distraído constantemente por seres como ciclopes e ninfas. Quando Odisseu finalmente chegou em casa, descobriu que todo mundo achava que ele estava morto (e como não achariam, se ele levou esse tempo todo para atravessar uns dois quarteirões?), que seu palácio estava destruído e que uns caras aleatórios estavam dando em cima

da sua esposa, Penélope, que, apesar de tudo, ainda esperava pela volta do marido. Para entrar no próprio palácio e retomar o trono, Odisseu precisa se disfarçar de pedinte.

É onde entra o cachorro. Antes de partir, Odisseu tinha um cão chamado Argos. É assim que sabemos que a história é fictícia: em primeiro lugar, ele não levou o cachorro junto; em segundo, quando ele voltou, vinte anos depois, o cachorro ainda estava vivo. Tudo bem — é uma liberdade poética usada para nos emocionar.

Quando Odisseu se aproxima de casa, encontra Argos, que um dia foi um cão de caça ágil e elegante, abandonado em uma pilha de esterco de vaca e com o pelo infestado de pulgas e piolhos. Ao contrário de todo mundo na ilha, Argos reconhece Odisseu na mesma hora, apesar do disfarce do dono, e abana o rabo. No entanto, Odisseu não pode ir até Argos, pois assim revelaria quem é. Então é obrigado a passar direto por ele e entrar no palácio em vez de se reunir com o cachorro — um momento que seria digno de vídeo viral —, mesmo depois de tantos anos de distância. É de partir o coração.

Mas não se preocupe — ainda piora. Argos, finalmente tendo visto o mestre uma última vez, ou talvez devastado por ter sido ignorado, já pode seguir em frente. E morre. A sua é a primeira de uma longa tradição de mortes de cachorros na literatura ocidental narradas para causar emoção; e, olha, ela me pega de jeito toda vez.

AO CONTRÁRIO DE TODO MUNDO NA ILHA, ARGOS RECONHECE ODISSEU NA MESMA HORA, APESAR DO DISFARCE DO DONO, E ABANA O RABO

A *Ilíada* e a *Odisseia* ainda são lidas, e com razão. Apesar do debate quanto à veracidade da Guerra de Troia, o que importa não é se ela aconteceu ou não. Sabemos que uma guerra aconteceu ao redor de uma cidade que provavelmente era Troia e que ela foi destruída. Fictício ou não, esse conflito se tornou um momento definitivo para a identidade cultural grega, pois, pela primeira vez, os reinos gregos se juntaram em uma frente unificada. Os gregos antigos eram obcecados pelos eventos daquela grande guerra e contavam as histórias sem parar. Conforme a ideia grega de identidade cultural foi mudando com o tempo, as histórias também mudaram. Os gregos ganharam uma identidade coletiva com a Guerra de Troia, e essa identidade foi personificada nos poemas épicos de Homero.

Nenhum texto trouxe mais informações sobre a vida na Grécia antiga do que a *Ilíada*. E nenhum cachorro se provou tão leal quanto o coitadinho do Argos.

Cãoplemento



O termo em inglês “dog days”, literalmente traduzido como “dias de cão”, tem origem grega. Era usado para se referir aos dias em que Sírio, a estrela canina, parecia nascer antes do sol, no fim de julho. Eram os dias mais quentes do ano e, até hoje, a expressão é usada para se referir a essa época.

*image
not
available*

Enquanto Alexandre aprendia aos pés do filósofo mais famoso de todos os tempos, seu pai ia, aos poucos, conquistando a Grécia, que não andava lá muito bem das pernas. A Marinha grega estava enfraquecida e o foco principal do povo tinha mudado do exército para a cultura, o que é ótimo, mas poemas não ganham guerras, a não ser que sejam bem afiados. A Grécia era o equivalente imperial antigo de dar PT e desmaiar no sofá de uma festona, implorando que rabisquem na sua cara. O pai de Alexandre, Filipe, era o dono da canetinha.

Na mais tenra idade, aos dezoito anos, Alexandre ajudou o pai a invadir a Grécia, o que inspirou uma paixão pela conquista que o acompanharia por toda a vida. Depois da morte de Filipe, Alexandre assumiu o trono macedônio e o legado do pai: entrar onde não era convidado, tomar tudo para si e matar quem estivesse no caminho. Ao longo da década seguinte, ele expandiu o império através da excelente estratégia de ganhar todas as batalhas. O pai tinha conquistado a Grécia inteira, mas Alexandre ainda desmantelou o império persa e tomou terras do Egito à Índia.

Porém, nada disso teria sido possível sem a intervenção de Peritas, seu cachorro.

Apesar de sua raça não ter sido registrada, com base em representações artísticas, Peritas provavelmente era um Molossus, um cão cuja raça foi criada para lutar na guerra.

*image
not
available*



*image
not
available*

cachorros. A chegada do Pequinês deu a largada para a nova moda da Inglaterra vitoriana: cachorros de colo. Ter um cachorrinho pequeno logo se tornou o maior símbolo de status. Era uma forma de ostentar que você não só tinha dinheiro para sustentar a família como também um cachorro inteiramente decorativo cuja única função prática era ser fofo e brincar.

Como resultado da Revolução Industrial, uma nova classe média endinheirada e cheia de tempo livre emergiu na Europa. Por isso, criar cachorros e cuidar deles logo se tornou o hobby da vez. Embora a maioria não tivesse acesso ao raro Pequinês puro, muitos conseguiram produzir a própria versão falsificada do acessório canino essencial da elite. Essa tentativa de criar cachorrinhos parecidos deu o pontapé no desenvolvimento de muitas das raças pequenas que ainda adotamos hoje.

Ainda que a maioria de nós não tenha mangas grandes o suficiente para guardá-los.

Cãoplemento



O Pequinês, o Lhasa Apso e o Mastim Tibetano foram todos criados na China para se assemelharem a leões budistas. Além disso, o Pug e o Shih Tzu se originaram na mesma época como companheiros e protetores da corte imperial, apesar de terem o nariz

*image
not
available*

com a conquista, muito menos com a ideia de obedecer às regras do filho do invasor, então fez o que qualquer população irritada faria: se rebelou e o assassinou. Eystein, o Furioso, conseguiu controlar a rebelião e retomar Trondheim, mas, para punir as pessoas pela desobediência, ele lhes ofereceu uma escolha: como substituto para o filho, poderia instaurar no trono um de seus homens escravizados — ou seu cachorro. (Era a pior das humilhações, porque, né, as pessoas são ótimas em desumanizar as outras ao compará-las com animais.)

O povo escolheu o cachorro, provavelmente por supor que seria mais fácil se livrar dele.

Corta para três anos depois, e Sua Alteza Real o Rei Saur — que, não esqueçamos, é um cachorro — ainda estava no trono. Saur em islandês significa... Bem, como minha mãe vai ler este livro, digamos “cocô”. Eystein, o Bobo, colocou um cachorro chamado Rei Cocô no trono.

Na história do reino do rei Saur contada pelo poeta islandês Snorri Sturluson (que, por sinal, é um nome ótimo para um cachorro, ou talvez para um rei gnomo), diz-se que Saur tinha a “sabedoria de três homens” e sabia falar uma palavra a cada dois latidos (claro que essa é a parte da história que pende para a lenda). Sturluson escreveu que Saur tinha seus próprios mantos régios (certamente com um buraquinho para o rabo), assim como correntes de ouro e prata para usar no pescoço, e que os cortesãos o carregavam nos ombros “quando o tempo

*image
not
available*



*image
not
available*

Por mais milagrosos que fossem, os poderes de cura de Roque não o protegeram do efeito costumeiro de passar muito tempo em contato com pessoas afligidas por doenças infecciosas: adoecer também. Roque logo desenvolveu a peste e se isolou nas florestas ao redor de Roma. Ele construiu uma cabaninha para se instalar, na qual planejava morrer lentamente ou se curar milagrosamente. Enquanto Roque dormia bastante para melhorar (isso funciona, né?), o cachorro se dedicou a salvar sua vida.

O cão encontrou um castelo próximo que pertencia a um aristocrata chamado Gothard. No meio de um banquete enorme, ele apareceu de repente, subiu com as patas na mesa e pegou um pão. Diferente de todos os outros cachorros do mundo, ele não comeu o que tirara da mesa — em vez disso, carregou o pão na boca. Gothard achou engraçado, e então ficou chocado quando o Jean Valjean canino começou a voltar todo dia para roubar um pão, levando-o embora sem comer. Finalmente, Gothard o seguiu até a cabana de Roque na floresta, onde viu o cachorro largar a comida no colo do mestre, deitar a seu lado e lamber suas feridas de peste.

Emocionado, Gothard começou a cuidar de são Roque, que acabou recuperando-se sem cicatriz nenhuma — mais um sinal de sua santidade. Quando Roque rezou para agradecer a Deus por poupá-lo, suas preces incluíram o cachorro.

*image
not
available*

considerou os dois pretendentes ao trono e selecionou John Balliol, que reconheceu Eduardo como seu mestre legítimo.

Com sua marionete no trono, Eduardo I mandou a Escócia ajudá-lo a financiar a guerra da Inglaterra contra a França, além de enviar tropas. Em resposta, o governo escocês decidiu dar um golpe: o rei John assinou um tratado de aliança com a França e renunciou à lealdade com a Inglaterra. Eduardo ficou, digamos, chateado. Chateado o suficiente para invadir a Escócia.

Depois de várias derrotas violentas, o Exército escocês capitulou. O rei John abdicou e Eduardo passou a comandar a Escócia, alegando que todas as terras eram suas.

No entanto, o braço da lei, por mais comprido que seja, tem seus limites. O norte da Escócia fica muito longe da Inglaterra, além de ser muito frio e cheio de montanhas, portanto o controle inglês sobre o território era fraco. Era o lugar perfeito para o início de uma rebelião. Os esforços rebeldes foram suficientes para expulsar a Inglaterra da Escócia, e William Wallace, líder dos rebeldes no centro da Escócia, foi designado guardião do reino.

Eduardo ficou, para ser sutil, furioso. Deve dar para adivinhar o que veio depois.

REINVASÃO.

William Wallace foi capturado e executado. A Inglaterra enfiou a mão na Escócia outra vez e a declarou território

*image
not
available*

revolução contra seu governo nas treze colônias do outro lado do Atlântico.

Mas essa já é outra história.

Cãoplemento



Cães-de-Santo-Humberto, como os conhecemos hoje, foram trazidos de Constantinopla e aperfeiçoados na Europa Ocidental uns mil anos atrás. Muitas igrejas mantinham matilhas desses cães nos mosteiros da Inglaterra e da França, financiadas por lordes nobres. Os monges eram responsáveis pelo programa de cruzamento, garantindo que os cães dos lordes só cruzassem com cães de lordes.



Departamentos de polícia no mundo inteiro aproveitam a habilidade incrível dos Cães-de-Santo-Humberto de seguirem o faro. A trilha de um Cão-de-Santo-Humberto é aceita como testemunha em quase qualquer tribunal.



A pele solta e as orelhas compridas do Cão-de-Santo-Humberto não são só adoravelmente caídas; elas são usadas para aproximar melhor os cheiros do nariz. A dobra de pele debaixo do pescoço é chamada de barbela e pode ser vista em outras raças, como São-Bernardo, Mastim e Basset Hound. Normalmente aparecem em cachorros de climas mais frios porque a camada adicional

*image
not
available*

muito parcial. O que sabemos é que, antes de os espanhóis fincarem bandeiras colonialistas em solo americano, havia entre 2 milhões e 10 milhões de indivíduos indígenas somente no que hoje é a porção continental dos Estados Unidos. É uma variação muito ampla, mas fica claro, de qualquer forma, que já havia muita gente por lá. A maioria desses nativos era organizada em tribos comandadas por chefes e unidas em confederações. Não havia civilizações de estilo clássico como os incas e os astecas, tampouco metal, pólvora, linguagem escrita, roda, cavalos ou animais domésticos — exceto por cachorrinhos pequenos e geralmente sem pelo, como o Xolo (aquele esquisitão, lembra? Falamos dele uns capítulos atrás). O que havia era agricultura, estruturas sociais e políticas e redes de comércio. Esses povos viviam dos recursos naturais disponíveis na região e consideravam a terra um recurso comum, delimitado para uso, mas não posse. Em geral, eram espiritualizados, e a maioria deles não acreditava em uma única divindade, mas em várias delas, menores, diferente dos europeus monoteístas.

Como a estrutura social era diferente, foi fácil para europeus como Colombo vê-los como povos ignorantes, selvagens e primitivos que deviam ser civilizados ou destruídos.

Mas é preciso rever algumas informações sobre Cristóvão Colombo antes de prosseguirmos: primeiro, ele não achava

*image
not
available*

Becerrillo não estuprou e violentou mulheres indígenas — isso ficou por conta dos humanos. Até em seus piores momentos, os cachorros são mesmo muito melhores do que nós.

A história mais famosa de Becerrillo, no entanto, versa sobre sua morte e como, apesar do treinamento de guerreiro, sua adorável natureza canina acabou vencendo.

DE ACORDO COM RELATOS DA ÉPOCA, OS MASTINS USADOS PELOS ESPANHÓIS CHEGAVAM A PESAR 110 QUILOS E A MEDIR NOVENTA CENTÍMETROS DO CHÃO ATÉ O OMBRO

Segundo se conta, Salazar, o cuidador de Becerrillo, mandou uma senhora idosa indígena que escolheu ao acaso na rua para entregar um recado ao governador; se não o fizesse, seria condenada à morte. Apavorada, a mulher começou a caminhar, mas, assim que tomou o caminho, Salazar mandou Becerrillo atacá-la — só por diversão, porque não havia mensagem nenhuma e os conquistadores espanhóis eram ESCROTOS.

Como tinha sido treinado para fazer, Becerrillo perseguiu a mulher. Quando ele a alcançou, ela caiu de joelhos e implorou por misericórdia.

Becerrillo parou.

*image
not
available*

Orange, também conhecido como Guilherme, o Silencioso. Quando virou alvo da Inquisição, devido a sua dissidência política e sua rejeição ao governo espanhol, Guilherme conseguiu fugir para o Sacro Império Romano-Germânico, onde montou um exército para enfrentar os espanhóis e tomar o controle das Dezesete Províncias. Assim começou a Revolta Holandesa ou Guerra dos Oitenta Anos.

Guilherme comandou piratas chamados de Mendigos do Mar contra a Marinha espanhola e tomou cidades holandesas (a estratégia de se aliar a piratas logo seria adotada pela rainha Elizabeth I em sua própria guerra contra a Espanha). Inspirados pelo sucesso de Guilherme e seu bando, os holandeses correram para se juntar à rebelião. Em 1581, as Dezesete Províncias declararam independência da Espanha e, em 1588, formaram a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, um país unificado. Isso possibilitou aos holandeses expandirem o comércio, o que levou à criação da Companhia Holandesa das Índias Orientais, e então ao estabelecimento da classe média nos Países Baixos, e logo à primeira bolha econômica registrada na história...

Mas estou passando o carro na frente dos bois. História é uma reação em cadeia — é tão legal. Mas vamos falar dos cachorros!

Como a maioria dos nobres europeus da época, Guilherme tinha muitos deles — alguns para caçar e outros, menores,

*image
not
available*



*image
not
available*

Galgos Ingleses são a mais antiga raça pura de cães que existe ainda hoje — datam do Egito antigo e aparecem nas mitologias gregas e romanas, além da Bíblia. Todos os lebrés de hoje — isto é, Galgos que caçam usando a visão, e não a audição — descendem do Galgo Inglês. Até o século XVIII na Europa, só os nobres, como nosso colega Wolsey, podiam ter Galgos Ingleses.

Por algum motivo, Urian não só foi levado até Roma como também convidado à audiência de Wolsey com o papa, o que me faz ter menos vergonha de ser uma moça branca boba insistindo em entrar com minha cachorra no shopping. O encontro começou com uma cerimônia simbólica, na qual o papa estendeu o pé descalço para Wolsey beijá-lo.

No entanto, Urian, crente de que seu mestre estava correndo o risco de levar um chute/cheirar o chulé horroroso do papa, foi protegê-lo. Antes que Wolsey beijasse os dedinhos pontífices, Urian deu um pulo e abocanhou o pé do papa.

A partir daí, a reunião foi de mal a pior.

Wolsey foi mandado de volta à Inglaterra sem permissão nenhuma para anular o casamento. Apesar de o comportamento difícil de Urian talvez ter sido a gota d'água, outra forte razão para o papa recusar a anulação foi o imperador romano-germânico Carlos V. Carlos tinha tomado Roma. Por acaso, ele era sobrinho da nossa querida rainha

*image
not
available*

A GUERRA DOS OSSOS

Os cachorros da Guerra Civil Inglesa



CÃES DE CAÇA · INGLATERRA · 1642-1651

Vou ser sincera: a Guerra Civil Inglesa é uma cadela, impossível de explicar (sem ofensa às fêmeas da espécie canina). Farei meu melhor para contar por meio de cachorros.

Então, era o começo do século XVII na Inglaterra. Jaime I estava no trono e tinha uns probleminhas no reinado. Primeiro era sua fé completa e absoluta no direito divino dos reis, o que significa que ele tinha bastante certeza de que era Deus. E quem se mete com Deus está pedindo para apanhar. Por isso, Jaime não era muito bom ouvinte. Especialmente em relação ao Parlamento: Jaime vinha da Escócia, cujo Parlamento era tão fraco quanto café aguado.

O outro problemão era que ele não dava a mínima para gente pobre.

*image
not
available*

parlamentar começou a espalhar que o Poodle tinha poderes mágicos. Panfletos sobre o cachorro sobrenatural responsável pelo sucesso realista eram literalmente distribuídos em Londres. Ele ficava invisível e espionava o acampamento. Ele era o diabo disfarçado. Ruperto era um bruxo e Boye, seu ajudante. Alguns Cabeças Redondas até disseram aos soldados que, se vissem Boye, eles deviam largar o que estivessem fazendo — mesmo que fosse lutar contra inimigos humanos — e garantir que o cachorro caísse primeiro.

Aviso: o cachorro morre no fim da história.

Na Batalha de Marston Moor, o destino dos Realistas mudou. Foi a primeira grande perda militar deles — provavelmente não é coincidência que também tenham perdido seu melhor soldado, Boye. Apesar de estar amarrado no campo Realista, Boye fugiu para se juntar ao mestre quando começou a luta e foi morto em batalha.

Ruperto ficou devastado. Até ele tinha começado a acreditar nas histórias de que Boye era magicamente invencível e, quando o cachorro foi morto, sua estratégia militar foi afetada. Ele se tornou mais hesitante, menos decidido. O exército Realista sofreu um grande baque em seu moral. Os Cabeças Redondas comemoraram, convencidos de que os Realistas poderiam ser derrotados, agora que o diabo não estava mais ao lado deles, na forma de Boye. Na Batalha de Naseby, outra derrota central para os Realistas, os Cabeças Redondas

*image
not
available*

A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

Quando o cachorro de Isaac Newton quase estragou tudo



LULU-DA-POMERÂNIA · INGLATERRA · 1642-1727

Todo mundo sabe que a história da maçã que caiu na cabeça de Newton e o fez gritar “Eureca!” e inventar a gravidade é um mito. No entanto, a história por trás da descoberta de um dos princípios básicos do universo por Sir Isaac é muito mais interessante que isso e, claro, envolve um cachorro.

Isaac Newton foi uma personalidade central na Revolução Científica, um período na história europeia no qual se considera que emergiram campos científicos modernos como matemática, física, astronomia, biologia, anatomia humana e química. A Revolução Científica se deu na Europa por volta do fim do período renascentista e continuou até o final do século XVIII, quando evoluiu para o movimento social intelectual que conhecemos como Iluminismo. Por mais que as datas precisas sejam debatidas, a publicação de *As revoluções dos orbes*

*image
not
available*



Lulus-da-Pomerânia provavelmente se originaram na Islândia, mas seu nome vem de uma região do leste alemão, onde a raça começou a ganhar suas características modernas.



Além da rainha Vitória (que chegou a ter 35 deles nos canis reais), a história está cheia de fãs de Lulus. Mozart dedicou uma de suas árias a Pimperl, seu Lulus-da-Pomerânia de estimação. Chopin foi inspirado a escrever a "Valsa do cachorrinho" ao ver o Lulu de um amigo correr atrás do próprio rabo. Quando Michelangelo pintou a Capela Sistina, seu Lulu ficou lá embaixo assistindo à obra do mestre.

*image
not
available*

Compaixão por Seres Vivos, eram divulgados diariamente ao público de Edo. Incluíam regras como “protejam crianças abandonadas”, “deem comida a pedintes” e “tentem não abandonar seus parentes quando envelhecerem”.

Uma parte desproporcional desses decretos tinha a ver com o bem-estar animal. Tsunayoshi promulgou leis que puniam a crueldade contra animais, começando pelo exílio, mas chegando à pena de morte. Na época, Edo era tomada por cachorros. Os samurais criavam cães com pedigree para caça e companhia, mas a quantidade de cachorros da maioria dos samurais era descontrolada. Algumas terras tinham centenas de cachorros, o que inevitavelmente levava à gravidez indesejada. O resultado disso era que os cães excedentes eram mortos ou abandonados nas ruas, onde eles acabavam se tornando agressivos para sobreviver.

Edo era uma cidade de vira-latas.

Como os samurais viviam em terrenos murados, não se preocupavam com o que acontecia na cidade de fato, mas os cachorros se tornaram uma ameaça à saúde do povo comum, especialmente quando as matilhas começaram a atacar pessoas. Tsunayoshi tentou resolver o problema por meio de uma lei que proibia abandonar cachorros na rua. Ele ordenou que os cachorros fossem tratados de acordo com “os princípios fundamentais da humanidade”, ou seja, não fossem mortos por não terem um lar.

*image
not
available*



*image
not
available*

em dia. Para honrar o parente famoso, um filhotinho de cada ninhada nascida lá recebe o nome de Barry.

Cãoplemento



O famoso barril de conhaque pendurado no pescoço dos São-Bernardos nunca foi de fato usado em resgate. Foi uma invenção do artista Edwin Landseer na década de 1820, na pintura *Alpine Mastiffs Reanimating a Distressed Traveler* [Mastins Alpinos reanimando um viajante em perigo]. Landseer explicou que o barril pintado no pescoço de um dos cães continha conhaque para reviver o viajante. A verdade é que beber conhaque não é uma boa ideia para quem foi soterrado por uma avalanche. O álcool dilata os vasos sanguíneos, o que faz o sangue vir à flor da pele, diminuindo rapidamente a temperatura corporal.



Em 1800, os frades e seus São-Bernardos ajudaram as tropas de Napoleão a atravessar o passo. Nenhum soldado morreu.



Em 1830, os frades começaram a cruzar os São-Bernardos com os Terras-Novas para desenvolver pelos mais longos e adaptados ao ambiente. O tiro saiu pela culatra: a pelagem ficou mais longa, mas o gelo agora grudava nos pelos, aumentando o peso dos cães e dificultando o resgate. Entretanto, esses híbridos malsucedidos, que foram doados aos moradores dos vales

*image
not
available*

🐾 Washington teve dezenas de cachorros ao longo da vida, todos com nomes engraçados, incluindo Sweetlips [Boca Doce] (tenho certeza de que foi o nome de drag queen de Washington), Scentwell [Cheiroso], True Love [Amor Verdadeiro] e Madame Moose [Senhora Alce], além de Taster [Degustador], Tipler [Bebum], Topsy [Alegrinho] e Drunkard [Cachaceiro]. Talvez fossem cachorros alcoólatras.

🐾 Durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, Washington encontrou um cachorro que pertencia ao general britânico William Howe no campo de batalha em Germantown e fez de tudo para devolvê-lo. Apesar de estarem em lados diferentes do conflito, eles tinham algo em comum: cachorros.

🐾 Washington era um criador dedicado de cães de caça e, ao tentar desenvolver um cachorro superior, rápido, sensato e inteligente, criou o Foxhound-Americano.

Theodore Roosevelt

🐾 Os Roosevelt ganham o prêmio de “Casa Branca que Mais Parece um Zoológico”. Entre seus bichos de estimação havia um monte de cachorros, porquinhos-da-índia, galinhas, pôneis, lagartos, araras, uma cobra chamada Emily Spinach [Emily Espinafre], um urso-negro, ratinhos, texugos, porcos, coelhos, uma hiena, corujas e um galo de uma perna só.

*image
not
available*

enquanto o país inteiro se escondia debaixo da mesa em posição de emergência, esperando pelo pior. Na Sala de Situação da Casa Branca, Charlie ficou no colo do presidente enquanto Kennedy tomava decisões drásticas sobre possíveis ações. Os presentes na sala disseram que a companhia do cachorro teve um notável efeito calmante em Kennedy, que foi capaz de lidar com a crise com sucesso, sem nunca parar de fazer carinho em Charlie.

Lyndon B. Johnson

🐾 Yuki, a vira-lata do presidente Johnson, era conhecida por seu canto e por ser muito próxima do dono. Eles nadavam juntos, dormiam juntos e até dançaram juntos no casamento de Lynda, filha de Johnson. A primeira-dama teve de convencer o presidente de que a cadela não precisava estar nas fotos do casamento — “Mas por quê?”, pergunta a autora que vos escreve.

🐾 Outros cinco cachorros cumpriram mandato na Casa Branca durante o governo do presidente Johnson, dois dos quais causaram escândalo. Quando Johnson foi fotografado levantando Him, um dos Beagles, pelas orelhas no quintal da Casa Branca, protetores de animais do país inteiro ficaram horrorizados. Johnson ignorou as críticas, dizendo que aquele era o jeito certo de segurar Beagles. Não parece verdade, mas tudo bem.

*image
not
available*

que os Obama adotaram Bo, a demanda pela raça atingiu seu ápice nos Estados Unidos.

*image
not
available*

do recém-formado Comitê de Segurança Pública, o nome mais irônico para um órgão governamental na história.

Um dos nobres executados foi Alexandre de Beauharnais, o primeiro marido da mulher que se tornaria a imperatriz Josefina Bonaparte. Josefina também foi presa e condenada à morte. Na prisão, ninguém podia se comunicar com ela. No entanto, Fortune, seu Pug de estimação, visitava sua humana todo dia. Os guardas não davam muita atenção ao cachorrinho resfolegante, então Josefina conseguia esconder mensagens debaixo da coleira dele para pessoas lá fora, que então puderam intervir contra sua execução.

Nessa época, o governo francês estava em frangalhos. Uma das únicas coisas que iam bem era a guerra contra a Áustria, em grande parte devido às táticas de Napoleão Bonaparte. Quando Josefina e Napoleão se conheceram, em 1795, ele já era um general famoso por conter revoltas e ela era uma viúva célebre por ir pra cama com todo mundo, porque os motivos pelos quais a história se lembra de homens e mulheres são superdivertidos e machistas. Bonaparte era seis anos mais novo que ela, e a família dele era contra a união, mas quatro meses depois de se conhecerem lá estavam eles casados.

Sabe quem mais era contra o casório? Fortune, o Pug.

Fortune dormia na cama de Josefina toda noite e estava pronto para fazer o mesmo na noite de núpcias. O problema era que tinha um *homem* deitado ali. E pego em flagrante delito

com sua humana. Portanto, Fortune tomou a única decisão lógica: pulou no meio da ação e mordeu Napoleão, deixando cicatrizes que marcariam o general até o fim da vida. Napoleão, furioso, disse a Josefina que o cachorro não dormiria com eles. Josefina respondeu que, se Fortune não pudesse dormir com Napoleão, ela também não poderia.

A cama ficou para Fortune.

Dois dias depois do casamento, Napoleão deixou Paris para liderar o Exército francês a caminho da Itália, em uma campanha contínua para esmagar as ameaças externas ao novo e frágil governo. A campanha teve sucesso (na Itália) e fracasso (no Egito). Enquanto estava longe, ele escreveu cartas de amor para Josefina, que estava curtindo a boa vida em Paris. Quando começou a suspeitar que a esposa o traía (e ela traía mesmo), Napoleão mandou trazê-la para a Itália, esperando que a distância a tornasse menos interessada em peguetes gostosos.

Tranquilo: Josefina levou o amante com ela. Além do seu maior amor, Fortune. Óbvio.

Tragicamente, Fortune morreu em uma briga com outro cachorro, e Josefina ficou devastada. No entanto, o namorado comprou um novo Pug para ela, que também ganhou o nome de Fortune, o que confirmou sem sombra de dúvida a suspeita de Napoleão quanto ao caso. Afinal, você só compra um Pug para uma mulher se estiver a fim de algo sério.

Napoleão realmente odiava cachorros.

Quando ele e Josefina voltaram à França, Robespierre tinha sido executado, o Terror havia acabado e um novo governo, chamado de Diretório, estava no poder. Entretanto, era tão fraco que Napoleão, com a ajuda de seus aliados, tratou de derrubá-lo, sendo empossado primeiro cônsul da França.

Napoleão fez grandes mudanças. Deu promoções baseado em mérito, não em berço. Reformou a medicina, a comunicação e a logística militares. Também declarou que nenhum cachorro poderia receber o nome de Napoleão, mas, putz, não seria um nome bom demais para um Terra-Nova gigante? Só para emputecer Napoleão.

Ah, deixa para lá, a gente ainda não chegou aos Terras-Novas. Mas, calma, essa piada é engraçada. Você vai ver.

Em 1804, Napoleão foi declarado imperador. É, eu sei, não haviam acabado de fazer uma revolução para se livrar da monarquia? Pois é, deu no que deu.

Com a coroação, as Guerras Napoleônicas começaram oficialmente e a França tentou sistematicamente derrubar todos os outros governos da Europa.

Deu meio certo.

Napoleão era um general brilhante, que teve muita sorte na conquista de terras europeias. Já na água era outra história: a derrota mais conhecida de seu Exército foi contra a Marinha britânica, na Batalha de Trafalgar. Mais humilhante ainda: os

marinheiros que tomaram o navio de guerra francês eram liderados por um cachorro Terra-Nova. Dizem que, ao receber a informação, Napoleão gritou: “Cães! Precisam me derrotar tanto na guerra quanto no quarto?”.

Napoleão realmente odiava cachorros.

Em 1812, a maior parte da Europa estava sob controle da França, e a Rússia estava ficando nervosa com isso. O país tinha voltado a negociar com a Grã-Bretanha, apesar de ordens explícitas da França para não fazer isso, porque a França odiava a Grã-Bretanha, o que bastou para incitar uma invasão francesa à Rússia. Entretanto, só Napoleão não sabia que nunca se deve entrar em uma guerra terrestre na Ásia. O Exército francês estava morrendo de frio e fome antes mesmo de começar a lutar. O fracasso de Napoleão na Rússia levou as principais potências europeias a formar uma coalizão contra a França — a sexta tentativa de resistir ao país, e dessa vez funcionou. Napoleão abdicou e foi exilado na ilha de Elba, que nem o Idris. A França voltou a ser uma monarquia constitucional.

Napoleão acabou fugindo de Elba, com a intenção de tomar o poder na França mais uma vez. Ironicamente, ele nunca teria chegado ao país sem a intervenção de um Terra-Nova. Ao deixar a ilha, Napoleão foi derrubado do navio e caiu no mar. Ele vestia um uniforme pesado e não nadava bem, combinação perfeita para um afogamento. Mas o cachorro Terra-Nova da

embarcação pulou atrás dele e o resgatou. Ele levou Napoleão em segurança até o navio, e Napoleão viveu para retomar o trono francês... e perdê-lo mais uma vez na Batalha de Waterloo. Se aquele Terra-Nova não o tivesse salvado do mar, Napoleão nunca teria vivido para perder a batalha.

Napoleão odiava *quase* todos os cachorros.

Cãoplemento



Napoleão comandou a venda da Louisiana para os Estados Unidos e usou o dinheiro para financiar as Guerras Napoleônicas, em especial uma tentativa de invasão da Inglaterra. Os Estados Unidos pegaram dinheiro emprestado de bancos britânicos para pagar a compra. Ou seja, a Grã-Bretanha estava praticamente pagando a França para invadi-la. Acho hilário.



A “maldição canina” contra a família Bonaparte continuou até o último descendente de Napoleão, Jérôme Napoleão Bonaparte, morrer em 1945 devido a feridas causadas ao tropeçar no cachorro com o qual passeava no Central Park. O cachorro era um Pug.
fantasma de Fortune uiva e gargalha



AU AU OESTE!

Lewis, Clark e o Terra-Nova Seaman lideram a descoberta



TERRA-NOVA · ESTADOS UNIDOS · 1804-1806

Em meados do século XVIII, a França controlava mais do território hoje conhecido como Estados Unidos da América do que qualquer outra potência europeia.

Isso logo mudou quando a França cedeu a Louisiana Francesa, a oeste do rio Mississippi, à Espanha na Guerra Franco-Indígena e, em 1763, transferiu quase tudo que restava de seus territórios norte-americanos para a Grã-Bretanha. Em 1801, entretanto, a Espanha assinou um tratado com a França para devolver o Território da Louisiana em troca da Toscana, para Napoleão vendê-lo aos Estados Unidos por uns trocados rápidos que financiassem a conquista da Europa.

Pronto. Louisiana: vendida. *efeito sonoro de caixa registradora*

A venda da Louisiana expandiu o território dos Estados Unidos em cerca de 2 144 520 quilômetros quadrados, praticamente dobrando o tamanho dessa nação bebê. Lembre-

se: os Estados Unidos só tinham 27 anos nessa época, uma idade na qual costumamos passar pelo equivalente emocional de tentar pegar um cubo de gelo do copo com a boca e acabar derrubando todos na cara. Talvez possamos considerar a venda da Louisiana como resultado de uma crise de um-quarto-de-idade.

Como é o caso da maioria das compras feitas por impulso, os Estados Unidos não sabiam bem no que estavam se metendo.

O governo norte-americano sabia que o território da Louisiana, que tinham acabado de comprar, ia do rio Mississippi, a leste, até as montanhas Rochosas, a oeste, e do golfo do México, ao sul, até a fronteira canadense, ao norte. Além disso, o que sabiam da área podia ser resumido a isso: _(ツ)_/_. Por isso, o presidente Thomas Jefferson enviou para lá uma equipe que ficaria conhecida como o Corpo de Descobrimento para, enfim, descobrir o que havia por lá. O objetivo principal da expedição era encontrar uma via fluvial para o oceano Pacífico — a infame Passagem do Noroeste de cuja existência estavam todos certos (alerta de spoiler: ela não existe). Também se esperava que a expedição mapeasse a geografia e a vida natural da região, assim como estabelecesse relações com os povos indígenas.

O presidente Jefferson nomeou Meriwether Lewis, um líder de milícia, político, explorador e assessor presidencial, para

comandar a expedição. Na época, Lewis tinha 29 anos — estaria entre os participantes mais velhos desses reality shows de namoro (aliás: que tal uma versão em que os participantes precisam se apaixonar enquanto atravessam o país a pé?). Como preparativo de viagem, Lewis estudou medicina, botânica, astronomia e zoologia. Ele também acrescentou dois membros importantes à equipe: o cocapitão William Clark e o cachorro Seaman.

Seaman era um Terra-Nova que Lewis comprara por vinte dólares em Pittsburgh enquanto esperava os navios da jornada ficarem prontos. Terras-Novas foram batizados em homenagem à região canadense de Terra Nova, onde cada barco pesqueiro tinha o seu. Conhecidos por nadarem bem, os Terras-Novas eram usados para puxar redes e buscar objetos e pessoas no mar (como foi o caso de Napoleão!). Sua capacidade pulmonar enorme e suas patas espalmadas permitem que eles nadem por distâncias longas, até contra correntes fortes, e sua camada externa de pelos oleosos, combinada à camada interna de pelos lanosos, repele a água fria e os mantém aquecidos. Como a expedição viajaria por via aquática sempre que possível, Lewis queria um cachorro capaz de aguentar todo tipo de terreno.

A equipe partiu de St. Louis, Missouri, em maio de 1804.

Seaman aparece pouco nos diários de Lewis, que estava ocupado com o registro de flores e búfalos e, sabe como é,

com o colonialismo, mas os relatos da expedição estão cheios de menções ao cão e às suas aventuras. Uma das primeiras é de antes de saírem de Pittsburgh, no dia 30 de agosto de 1803. Viajando pelo rio Ohio, Lewis escreve: “Esquilos são abundantes nas duas margens do rio. Fiz meu cachorro pegar todos os que conseguia a cada dia, pois eram gordos e os achei agradáveis de comer fritos”.

Essa foi uma das muitas ocasiões em que o talento de Seaman para a caça foi útil à expedição. Os alimentos eram escassos, sobretudo no inverno, e eles estavam bem fora da área de entrega do alcance do iFood. Apesar de a equipe ter sido obrigada a comer os cavalos para sobreviver, ninguém comeu Seaman.

No entanto, uma dessas expedições gastronômicas quase custou a vida de nosso herói. Quando foi buscar um castor no qual um membro da tripulação atirara, Seaman levou uma mordida do bicho que rompeu uma artéria em sua perna. Não se preocupe: o cachorro não morre nesta história. Lewis e Clark tomaram medidas extraordinárias para salvar Seaman.

**“O MAIOR VIAJANTE DE MINHA ESPÉCIE.
MEU NOME É SEAMAN, O CACHORRO DO
CAPITÃO MERIWETHER LEWIS, QUE
ACOMPANHEI AO OCEANO PACÍFICO**

PELO INTERIOR DO CONTINENTE DA AMÉRICA DO NORTE”

Dez dias depois, Seaman retribuiu a dívida e salvou o acampamento inteiro ao redirecionar a trajetória de um búfalo que estava prestes a pisotear os tripulantes adormecidos.

No dia 15 de novembro de 1805, Lewis e Clark finalmente chegaram ao oceano Pacífico. Eles tiraram umas selfies, provavelmente comemoraram com uns “toca aqui”, e voltaram para mandar o presidente Jefferson deixar para lá essa história de Passagem do Noroeste. Durante a viagem, eles tinham descoberto centenas de novas espécies de plantas e animais, estabelecido relações geralmente positivas com os povos indígenas do território — que todos os norte-americanos depois deles tentariam destruir — e produziram por volta de 140 mapas. A jornada durou dois anos, quatro meses e dez dias.

O que aconteceu com Seaman? Os historiadores não sabem ao certo. Ele apareceu pela última vez nos diários de Lewis no dia 15 de julho de 1806, mas temos bastante convicção de que sobreviveu à viagem, pois ninguém relatou sua morte. A nossa melhor pista vem de Jim Holmberg, acadêmico especializado em Lewis e Clark, que descobriu em um livro escrito em 1814 o registro da seguinte inscrição numa coleira em um museu da Virgínia: “O maior viajante de minha espécie. Meu nome é

SEAMAN, o cachorro do capitão Meriwether Lewis, que acompanhei ao oceano Pacífico pelo interior do continente da América do Norte”.

Ah, Seaman. Seu passeio foi o melhor de todos.

Cãoplemento



Em seu primeiro inverno passado na região que hoje é a Dakota do Norte com os nativos do povo mandan, Lewis e Clark contrataram o pior tradutor da história: Toussaint Charbonneau, um caçador franco-canadense cujo nome parece o de um docinho. Charbonneau era um grande merda. Ele se recusava a trabalhar direito, precisava ser salvo o tempo todo e não sabia falar as línguas indígenas que tinha sido contratado para traduzir. Ele também tinha se envolvido com o que muitos artigos acadêmicos definem como um “casamento sem consentimento”, mas que prefiro chamar de “sequestro e estupro” de uma mulher indígena. E ela acabou salvando a expedição toda. Seu nome era Sacagawea. Um dos momentos mais impressionantes da jornada foi quando a tripulação pediu cavalos ao povo shoshone para ajudá-los a atravessar as montanhas rochosas. O chefe relutou, até descobrir que Sacagawea era sua irmã. Ela tinha sido sequestrada e vendida para Charbonneau aos treze anos. A reunião fez o chefe mudar de ideia e a tripulação teve

acesso aos cavalos necessários para chegar à costa do Pacífico.



Lewis e Clark mandaram para o presidente Jefferson um espécime de animal raro e exótico que encontraram na viagem, nunca antes visto no leste: o extraordinário e misterioso cão-da-pradaria. Que nada tem a ver com os cachorros de hoje.

